

## Sonhando com Leila

Por Luiz B. L. Orlandi

A maior dificuldade de todo prefácio é apressar seu próprio sumiço, aliviar sua intromissão entre os olhos que lêem e a escrita principal que os espera. Tentarei construir esse alívio por meio de um mínimo de frases destinadas a secundar este breve aviso: leitoras e leitores terão daqui a pouco a rara oportunidade de também sonharem *com* Leila. Meu único privilégio, e que justifica estar eu aqui tentando abrandar essa dificuldade, é que pude sonhar *com* ela antes de vocês, graças ao acesso que tive anteriormente aos manuscritos da autora.

Mas o que seria, que significa *sonhar com Leila* para quem não a conhece pessoalmente e nem por meio de imagens suas em fotografias ou pinturas, em filmes ou espelhos, em variações sonoras ou outros suportes prenunciadores do onírico? Significa, primeiramente, ser levado a pensar em companhia de Leila. Mas como? Então, sonhar e pensar participariam de um mútuo envolvimento nas páginas que virão? Sim, sonhar com Leila implica pensar em companhia do seu modo de recriar, em linguagem especial, certos efeitos dos seus encontros com o que foi criado alhures como imagens fílmicas dignas de serem vistas. É no crivo dessa dobra recriadora, ao mesmo tempo consistente e linda, que um estranho fio acaba insinuando sonhos e pensamentos uns nos outros.

Com Leila, a dobra pensamento<>sonhos não funciona como simples assessora de uma exterioridade empírica repleta de fatos brutos, desses que, maltratados, satisfazem certos discursos historicistas, sociologistas, psicologistas etc. Ao mesmo tempo, essa dobra não cai na insuficiência oposta ao empirismo vulgar, pois não cultua uma interioridade de consciência, esteja esta imersa num vivido subjetivo ou intersubjetivo, ou se mascare como arredia racionalidade crítica. Mas, entre a exterioridade factual e as consonâncias da interioridade, sobraria algum outro domínio digno de cuidados especiais?

Sim, há um domínio ao mesmo tempo fortíssimo e delicado. Estamos sempre na iminência do advento dos seus sinais, embora não se possa inferi-lo a partir dos componentes extensos deste ou daquele sinal em particular, seja o dragão de um sinal-pesadelo ou um lírico vislumbre de Iemanjá luando à beiramar. Ao sofrermos um assalto à mão-armada, é esse domínio que está nos assaltando; mas ele também pode nos prender quando mãos nos afagam. Em nossos corpos, em nossa complexa corporeidade, esse domínio advém como problema, estremecimento, vibração, surpresa de intensidades variáveis. Que domínio é esse? Podemos denomina-lo, claro que com a ajuda de alguns pensadores, domínio de encontros intensivos.

O importante é que, com Leila, experimentamos uma maneira sutil de termos acesso ao que há de forte e delicado em encontros intensivos com certos filmes. Não é fácil chegar a isso. Não se trata apenas de evitar o extremismo das adesões à exterioridade ou à interioridade. Trata-se de afirmar singularidades estéticas através de uma cuidadosa tecedura linguageira envolvendo conceitos e sensações. Leila sabe que, para tanto, sua experiência precisou evitar, ao mesmo tempo, a presunção sobreposicional dos conceitos e a redução das sensações ao impressionismo de sentimentos subjetivos.

Repito que é difícil arcar com esse duplo cuidado em face de sentimentos e conceitos quando vivemos experiências estéticas. O fácil é falar mal dos conceitos e fingir que se escapa do meramente subjetivo através de uma enxurrada de informações atadas por uma proliferação de metáforas. No encontro com esta ou aquela configuração estética, tais sentimentos são inevitáveis e importantes, mas não suficientes, pois ganhamos mais quando os experimentamos como suportes de acesso àquilo que a eles não se reduz, aos afetos que singularizam a intensidade do encontro; e para que isto seja possível, há sempre a atividade explícita ou implícita de fluxos conceituais, não para subsumir o encontro a esta ou àquela tese -- seja esta filosófica ou não -- mas para fazer com que idéias sejam capazes de entrar em

ressonância com as zonas em que rebrilham linhas de fuga na intensidade do encontro.

A meu ver, ao falar de filmes, Leila foi capaz de me conduzir a uma maneira sutil de fazer uma tal experimentação. Eu resumiria assim essa maneira, a mesma que me embalou ao longo da leitura e que me obrigou a aceitar o honroso convite para estar aqui prefaciando: com Leila e com os filmes de sua fala, minha leitura ganhou um duplo entrosamento com certas idéias, ganhou um pensar que sonha um pensamento sonhador. E o que é melhor do que isso quando nos ocorrem encontros intensivos com bons textos *e* bons filmes?

Luiz B. L. Orlandi

Recanto dos Vagalumes, julho de 2004